

O CORPO ENQUANTO EXPERIÊNCIA POSSÍVEL EM DANÇA-EDUCAÇÃO

EL CUERPO COMO POSIBLE EXPERIENCIA EN DANZA-EDUCACIÓN

THE BODY AS A POSSIBLE EXPERIENCE IN DANCE-EDUCATION

Érica Viviane Bianna dos Reis*

vividancerj@gmail.com

* Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, RJ/Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância de se repensar as práticas pedagógicas em Dança em outra perspectiva para que esse conhecimento contribua no desenvolvimento de uma consciência corporal-espacial dentro da escola, por parte dos alunos. Para tal investigação, serão abordados relatos de experiências vivenciadas em uma Escola Federal do Rio de Janeiro, em um Programa de Pós-Graduação em mesma cidade e em uma Escola Municipal de Porto Real. A partir de intervenções nessas três instituições, o conceito de corpo enquanto experiência em Bondía (2002) e Bolsanello (2005) foram explorados no Ensino da Dança. A proposta deste artigo surgiu a partir das experiências realizadas na disciplina Tópicos Especiais: Corpo, Espaço e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ do qual a pesquisadora cursou como aluna externa. Nesta disciplina foi realizada a investigação de vivências práticas que articulassem os conceitos de corpo com o projeto de pesquisa em desenvolvimento no Programa de Mestrado da pesquisadora. Trata-se de um relato de experiências cuja metodologia utilizada foi a do tipo Pesquisa-Ação, de abordagem qualitativa e a coleta foi realizada a partir de documentos que regem a organização curricular nacional, registros de imagem e rodas de conversa. Por meio da triangulação dos dados obtidos, os resultados da investigação revelaram que o corpo enquanto experiência é uma abordagem capaz de proporcionar uma aprendizagem significativa, por respeitar e explorar as singularidades presentes nos corpos dos estudantes. Este relato, apoiado no referencial teórico, apresenta uma estratégia pautada no desenvolvimento de um corpo-presente, ressignificado dentro de um espaço-território de convivência a ser explorado, neste caso, a escola.

Palavras-chave: Dança-Educação; Corpo enquanto experiência; Educação Somática; Ensino de Dança.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de repensar las prácticas pedagógicas en Danza en otra perspectiva para que este conocimiento contribuya al desarrollo de una conciencia cuerpo-espacial dentro de la escuela, por parte de los estudiantes. Para esta investigación, se abordarán relatos de experiencias vividas en una Escuela Federal en Río de Janeiro, en un Programa de Posgrado en la misma ciudad y en una Escuela Municipal de Porto Real. A partir de intervenciones en estas tres instituciones, se exploró el concepto de cuerpo como experiencia en Bondía (2002) y Bolsanello (2005) en Educación en Danza. El propósito de este artículo surgió a partir de las experiencias realizadas en la disciplina Temas Especiales: Cuerpo, Espacio y Educación, del Programa de Posgrado en Educación de la UFRJ, de la cual la investigadora cursó como estudiante externa. En esta disciplina se llevó a cabo la investigación de experiencias prácticas que articularan los conceptos de cuerpo con el proyecto de investigación en desarrollo en el Programa de Maestría de Investigadores. Se trata de un relato de experiencias cuya metodología fue del tipo Investigación-Acción, con un enfoque cualitativo y la recolección se realizó a partir de documentos que rigen la organización curricular nacional, registros de imagen y círculos de conversación. A través de la triangulación de los datos obtenidos, los resultados de la investigación revelaron que el cuerpo como experiencia es un enfoque capaz de brindar un aprendizaje significativo, ya que respeta y explora las singularidades presentes en los cuerpos de los estudiantes. Este informe, apoyado en el marco teórico, presenta una estrategia basada en el desarrollo de un cuerpo-presente, replanteado dentro de un espacio-territorio vivo para ser explorado, en este caso, la escuela.

Palabras clave: Danza-Educación; El cuerpo como experiencia; Educación Somática; Enseñanza de la danza.

Abstract

This article aims to reflect on the importance of rethinking the pedagogical practices in Dance in another perspective so that this knowledge contributes to the development of a body-spatial awareness within the school, by the students. For this investigation, reports of experiences lived in a Federal School in Rio de Janeiro, in a Postgraduate Program in the same city and in a Municipal School of Porto Real will be addressed. From interventions in these three institutions, the concept of the body as an experience in Bondía (2002) and Bolsanello (2005) was explored in Dance Education. The purpose of this article arose from the experiences carried out in the discipline Special Topics: Body, Space and Education, from the Graduate Program in Education at UFRJ, of which the researcher studied as an external student. In this discipline, the investigation of practical experiences that articulated the concepts of the body with the research project under development in the researcher's Master's Program was carried out. It is a report of experiences whose methodology used was the Research-Action type, with a qualitative approach and the collection was carried out based on documents that govern the national curricular organization, image records and conversation circles. Through the triangulation of the data obtained, the results of the investigation revealed that the body as an experience is an approach capable of providing meaningful learning, as it respects and explores the singularities present in the students' bodies. This report, supported by the theoretical framework, presents a strategy based on the development of a body-present, reframed within a living space-territory to be explored, in this case, the school.

Keywords: Dance-Education; Body as an experience; Somatic Education; Dance teaching.

1 INTRODUÇÃO

A escola, por muitas vezes, ainda reproduz um conjunto de regras, conceitos, princípios, ideais e valores de uma cultura dominante que não se relaciona nem dialoga diretamente com a realidade de todos os educandos. Em Artes, independente da linguagem artística a ser trabalhada, também é possível observar tal abismo entre currículo e contexto social e cultural dos alunos. Portanto este artigo objetiva refletir sobre a importância de se repensar as práticas pedagógicas em Dança em outra perspectiva para que esse conhecimento contribua no desenvolvimento de uma consciência corporal-espacial dentro da escola, por parte dos alunos. Repensar o currículo fora das “amarras” deste sistema enraizado politicamente nas práticas de ensino-aprendizagem é um desafio em um País que tem seu ensino marcado, historicamente, pelo domínio da cultura eurocêntrica, desde a chegada no Brasil da Missão Artística Francesa em 1816, com a introdução da primeira escola de Artes no Brasil, reproduzindo modelos europeus.

Diante disso, no Ensino de Dança repensar as práticas pedagógicas é um desafio necessário para o exercício da autonomia, do potencial criativo e crítico e da percepção de valores, aptidões e habilidades artísticas dos alunos em seu processo de formação. Um caminho possível a seguir é a abordagem da Educação Somática que entende o Corpo enquanto experiência.

No documento da BNCC (2017), na parte que apresenta o componente curricular da Arte no Ensino Fundamental, encontram-se habilidades da aprendizagem em Dança das quais o conceito de corpo enquanto experiência pode ser abordado e explorado.

Dentre as aptidões citadas que envolvem a criação de repertórios próprios, improvisações e processos criativos, destaca-se a habilidade discutir experiências pessoais vivenciadas na escola e em outros contextos, combatendo estereótipos e preconceitos.

Falando em experiência, o conceito de corpo enquanto experiência entende por experiência aquilo que nos atravessa, que nos toca. Tal abordagem entende a experiência como algo subjetivo, particular e único.

O objetivo geral desse relato de experiências é apresentar uma estratégia didática de Ensino em Dança, pautada no corpo enquanto experiência. Os objetivos específicos dessa experiência é: Adaptar as atividades de acordo com o contexto de cada instituição; fazer um levantamento da percepção dos estudantes após a experiência; contribuir para docentes de Artes, Educação Física e comunidade acadêmica por meio desse material disponibilizado.

Para elaborar uma experiência que explorasse o corpo e o espaço enquanto mestranda do curso de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II, decidiu-se por adaptar a atividade já realizada com estudantes do Ensino Fundamental I e II do Colégio Pedro II, localizado no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, entre os anos de 2017 e 2018. Essa atividade foi aplicada a alunos do Mestrado em Educação da UFRJ (*Campus Praia Vermelha*) e a alunos do Ensino Fundamental I em uma Escola Municipal da cidade de Porto Real. A partir do objetivo de imersão no conceito de corpo enquanto experiência, as atividades pretendiam explorar um repertório corporal próprio e um olhar consciente dos alunos sobre o corpo durante a resolução dos problemas propostos nas atividades.

Este trabalho foi dividido em cinco tópicos. O tópico um aborda o Ensino de Dança; o tópico dois apresenta o conceito de corpo enquanto experiência; o tópico três, por sua vez, sintetiza as experiências em cada uma das três instituições; o tópico quatro apresenta o caminho metodológico, apresenta as características do estudo, seguido do tópico cinco com a análise dos resultados e o tópico seis apresenta as referências bibliográficas, seguidas de anexo contendo os registros das experiências.

2. ENSINO DE DANÇA

No Ensino de Dança repensar as práticas pedagógicas é um desafio diante da formação dos profissionais dessa área. Para Miller (2014, p.104), “a integridade corpomente no pensamento de corpo na Dança-Educação resulta no desprendimento das dicotomias tão arraigadas em nosso ser como consequência dos processos de educação formal [...] e informal em cursos livres de dança e de artes em geral.”

Para Marques (2007; p.23, 24), “[...] a escola teria, assim, o papel [...] de instrumentalizar e de construir conhecimento em/ por meio da dança com seus alunos, pois ela é forma de conhecimento, elemento essencial para a educação do ser social.”

Logo, repensar o currículo de Artes e a prática pedagógica, assim como sua importância, é fundamental

para o exercício da autonomia, do potencial criativo e crítico e da percepção de valores, aptidões e habilidades artísticas dos alunos, na sua construção identitária.

No documento da BNCC (2017), na parte que apresenta o componente curricular da Arte no Ensino Fundamental, encontram-se habilidades da aprendizagem em Dança das quais o conceito de corpo enquanto experiência pode ser abordado e explorado. São elas (2017, p.207): “explorar elementos constitutivos do movimento cotidiano e do movimento dançado [...], investigar e experimentar procedimentos de improvisação e criação do movimento como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.”

Dentre as aptidões citadas, destaca-se uma habilidade em Dança presente na BNCC (2017, p.207) por sua importância na prática pedagógica: “discutir as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola e em outros contextos, problematizando estereótipos e preconceitos”.

Bondía (2002, p.21) define experiência como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” Proporcionar experiências corporais centradas nos alunos, respeitando sua singularidade e subjetividade faz com que a Dança na Escola agregue valor, significado e sentido possibilitando um equilíbrio psicossocial. Para Bondía (2002, p.27),

[...]o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna [...].

Para elaborar uma experiência que explorasse o corpo e o espaço, decidiu-se por adaptar a atividade que já havia sido realizada com estudantes dos *Campi SCII* e *SCIII* do Colégio Pedro II, localizado no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, entre os anos de 2017 e 2018. Uma vez idealizada, a atividade foi aplicada na UFRJ (*Campus Praia Vermelha*) e em uma Escola Municipal da cidade de Porto Real. A partir da imersão no conceito de corpo enquanto experiência, as atividades pretendiam explorar um repertório corporal próprio e um olhar consciente dos alunos sobre o corpo durante a resolução dos problemas propostos nas atividades.

2. O CORPO ENQUANTO EXPERIÊNCIA

No século XX, com o surgimento de diferentes correntes teóricas modernas, fez-se necessário repensar o corpo que novamente mostrava-se codificado dentro de um novo modelo estético, fazendo com que um campo de conhecimento reunindo profissionais da Saúde, da Educação e da Arte surgisse: a educação somática. Para Bolsanello (2005, p. 100),

muito embora o campo exista há mais de um século na Europa e na América do Norte, a

denominação educação somática foi criada em 1995 pelos membros do “Regroupement pour l’Éducation Somatique” em Montreal, no Canadá. Sob a denominação de educação somática reagrupam-se diferentes métodos educacionais de conscientização corporal dentre os quais se destacam: Técnica de Alexander, Feldenkrais, Antiginástica, Eutonia, Ginástica Holística, etc.

O termo somático é de origem grega. Segundo Souza Vieira (2015, p.130),

em busca de uma palavra que abrangesse não apenas os aspectos físico-estruturais do corpo, mas também os subjetivos, simbólicos e sociais, construídos a partir das relações de troca com o ambiente, o autor escolheu soma, do grego – isto é, corpo vivo, no seu sentido mais amplo [...].”

Para os professores de Educação Somática, o corpo humano é indissociável da consciência, ao contrário da lógica cartesiana que fragmenta o corpo em corpo x mente (BOLSANELLO, 2010, p.100).

Para Domenici (2010, 70),

o encontro com a educação somática deu-se em um momento muito especial em que ocorria uma saturação dos modelos da dança moderna e do preciosismo da forma. Esse encontro provocou importantes mudanças na maneira de pensar o corpo na dança: reivindicou o respeito aos limites anatômicos do corpo, estimulou a exploração de novos padrões de movimento e questionou modelos e concepções bastante firmadas pela tradição acerca do treinamento corporal.

Esses novos métodos de experimentação do corpo na educação somática buscavam a saúde e o bem-estar, além de contribuições para aqueles que buscavam a Dança como meio de expressão artística. (DOMENICI, 2010, p. 71)

É nesse contexto que o Ensino da Dança e a abordagem somática aproximam-se, reconfiguram-se e dialogam, dando sentido e valor às experiências realizadas na escola. Segundo Miller (2014, p.105), “o eu-corporal, o soma, o corpo tratado na primeira pessoa é fator diferencial para se trabalhar a dança.”

Na Educação Somática, não existe um desequilíbrio seja de natureza física ou psíquica que não envolva o corpo como um todo, sendo assim, os aspectos emocionais, afetivos e físicos são explorados pelos professores de forma preventiva, na busca de um equilíbrio global do aprendiz. Bolsanello (2005, p. 100) afirma que “[...] segundo esta visão da saúde, os diferentes desequilíbrios das funções fisiológicas, psíquicas, cognitivas e afetivas são abordados pelo professor de educação somática como fazendo parte de um todo somático.”

Para Nunes *In* Calazans, Castilho e Gomes (2003, p.34),

[...] essa dimensão terapêutica vai nos mostrando que vivemos melhor com o desenvolvimento da própria coordenação, com o emprego adequado da força, com a abertura de espaços internos, com uma respiração mais livre, com a aceitação do próprio corpo do qual não podemos fugir.

Porém é importante ressaltar que, apesar dessa abordagem somática na Dança trazer benefícios na saúde psicossocial global dos estudantes, a Educação Somática não se considera como uma abordagem de natureza terapêutica. Para Souza Vieira (2015, p.129),

ainda que possa claramente haver benefícios no plano terapêutico, ela não pertence ao campo médico. Ela não detém o discurso sobre a patologia, não estabelece o diagnóstico, não faz tratamento nem mesmo prognóstico de resultado, seja no plano físico, psicológico ou comportamental.

Souza Vieira (2015, p.130), define a Educação Somática como um “campo disciplinar que se interessa pela aprendizagem e pela consciência do corpo em movimento no interior de seu meio [...]”. Segundo o

autor (2015, p.136) essa abordagem se caracteriza como o

modo que cada um de nós experiencia, vivencia, numa perspectiva interior, os fluxos de sensações e sentimentos; o modo de emocionar, desejar, imaginar, fazer, mover-se; o modo de ser e estar no mundo; nossa confiança, sentido de segurança, equilíbrio; o modo de alegrar-se, de entristecer-se, de sofrer, de relacionar-se com objetos, lugares, acontecimentos, pessoas [...]

A abordagem somática na Dança, por ser um campo de estudo centrado no corpo enquanto experiência e por considera-lo em sua integridade, é importante de ser explorada na Educação Básica.

3. EXPERIENCIANDO O CORPO NA ABORDAGEM SOMÁTICA

3.1. A EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA FEDERAL

Essa experiência surgiu durante as atividades propostas na oficina de Dança no Campus SCII do CPII para diferentes grupos com estudantes de Ensino Fundamental e Ensino Médio quando eram exploradas diferentes técnicas modernas de Dança e Educação Somática. Ao explorar a construção de movimentos próprios, respeitando a singularidade de cada um, fica nítida a importância do enfoque somático nas atividades aplicadas como jogos corporais, a seguir. Primeiramente, com a ajuda dos participantes, o espaço da sala de aula foi preparado utilizando-se elásticos presos às carteiras, às cadeiras e ao corpo dos participantes, colocados em alturas diferentes com objetivo de explorar diferentes níveis de altura no espaço. A proposta do jogo foi dividi-los em dois grupos sendo um a observar e/ou segurar os elásticos e o outro a atravessar o espaço obedecendo às regras do jogo que neste primeiro momento foram:

- Manter-se atentos para não encostarem em nenhum elástico; (caso contrário, teriam que retornar e recomeçar o deslocamento);
- Movimentar-se no espaço explorando os planos espaciais alto, médio e baixo- Laban (1971; p.63) diz que “as direções e os planos dos gestos do braço e da perna são relativos à articulação na qual ocorre o movimento. [...]” Logo, de forma resumida pode-se dizer que movimentos que ocorram na altura dos pés se dão no plano baixo, movimentos que aconteçam na altura dos joelhos e quadril configuram plano médio e os movimentos que ocorram na altura do tórax e cabeça configuram plano alto.
- Explorar as qualidades do movimento: tempo e fluxo- para Laban (1971; p.51), todo e qualquer movimento humano surge de um esforço. Ou seja,

[...] todos os movimentos humanos estão indissolavelmente ligados a um esforço o qual, na realidade, é seu ponto de origem e aspecto interior. O esforço e a ação dele resultante podem ambos ser inconscientes e involuntários, mas estão sempre presentes em qualquer movimento corporal [...].”

Para ele, toda ação corporal apresenta uma combinação de duas ou mais qualidades de movimento que o autor enumera como sendo tempo- peso-espaço-fluxo. O tempo é o ritmo do gesto que pode apresentar-se de forma lenta ou rápida. Já a experiência do fluxo do movimento, Laban (1990; p.59) descreve da seguinte forma: “Em uma ação que pode ser detida ou contida sem dificuldade, em qualquer momento durante o movimento, o fluxo é conduzido. Em uma ação onde é difícil deter o movimento de maneira súbita, o fluxo é livre ou fluido.”

- Compreender a diferença entre espaço global/ geral e espaço pessoal (kinesfera)- Laban (1990; p.85-86) afirma que

todo movimento ocorre quando o corpo, ou partes dele, passa de uma posição espacial a outra. [...] Ao redor do corpo está a “esfera do movimento” ou “kinesfera”, cuja circunferência se pode alcançar com as extremidades estendidas normalmente, sem mudar a postura, isto é, o lugar de apoio. [...] Fora dessa esfera imediata está o espaço mais amplo, o “geral”. [...] Consequentemente, quando um homem dá vários passos adiante, leva também adiante sua esfera de movimento no espaço geral [...]

Após a atividade, em conversa com os estudantes, eles colocaram que tiveram dificuldade de deslocar-se no espaço explorando movimentos utilizando o fluxo livre e os planos espaciais por terem sua atenção comprometida ao terem que seguir regras, como o fato de não poder encostar nos elásticos, o que atrapalhou a liberdade de movimento. Como o fluxo de movimento não poderia ser interrompido por pausas (o que configuraria uma outra qualidade de movimento diferente daquela que se propunha) os participantes precisaram deslocar-se com atenção ao espaço já pensando em como solucionar os obstáculos.

Em um segundo momento a experiência proposta sugeriu um grau de dificuldade maior, colocando todos se deslocando no mesmo momento, propondo uma competição entre todos os participantes, mantendo a regra inicial de não tocar nos elásticos. Como resultado, observou-se uma preocupação espacial maior, tendo em vista que nenhum participante se encontrava sozinho durante o deslocamento e sim, dividindo o mesmo espaço. Por outro lado, por causa do espírito competitivo que o jogo apresentava, alguns deslocaram-se no espaço em ritmo mais rápido ocasionando em eventuais quebras na regra de não encostar nos elásticos. Ao final, aqueles que mantiveram o ritmo lento do início ao fim e a atenção ao espaço global e a sua *kinesfera* conseguiram cumprir a tarefa mais rápido do que aqueles que se concentraram apenas em chegar ao final da trajetória estipulada no jogo pois estes precisaram retornar ao início até que não encostasse em nenhum elástico.

3.2. A EXPERIÊNCIA NA PÓS-GRADUAÇÃO

A experiência mencionada no capítulo anterior serviu de base para a atividade pensada especialmente para a ressonância educacional realizada no dia 28 de junho de 2019. Decidiu-se aprofundar os estudos teóricos sobre o conceito de corpo enquanto experiência realizados durante as aulas da disciplina

Corpo, Espaço e Educação, do programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ, campus Praia Vermelha. O espaço foi preparado com elásticos colocados em diferentes alturas, apoiando-se em objetos presentes na própria sala localizada no Departamento de Educação Física do campus da UFRJ-Praia Vermelha. Enquanto a sala era preparada, foi proposto aos participantes escolher uma parte do corpo que fosse mais importante e uma parte do corpo que não tivesse importância ou de menor importância na rotina diária. Após todos escolherem de forma secreta, todos foram convidados a se deslocarem pelo espaço, seguindo as mesmas regras do jogo proposto do CP2. Realizada a etapa, foi proposto que eles refizessem o deslocamento dirigindo a atenção total na parte do corpo que eles escolheram como sendo a mais importante, podendo encostar nos elásticos dessa vez. Por fim, o mesmo exercício foi realizado utilizando a parte do corpo da qual escolheram como sendo a menos importante. Após a experiência, uma roda de conversa foi realizada para que todos tivessem a oportunidade de colocar suas impressões sobre a atividade vivenciada.

3.3. A EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL

A experiência realizada em uma escola Municipal de Porto Real, foi direcionada a estudantes do Ensino Fundamental I e teve um caráter lúdico sobre o que foi chamado de jogo. Diante de tarefas propostas, o jogo não teve enfoque competitivo, a princípio. Os estudantes foram convidados a atravessarem o espaço com obstáculos (elásticos) tendo a atenção total ao corpo, explorando os níveis de altura, o espaço global, o fluxo do movimento e o tempo (ritmo). A primeira etapa constituiu-se por atravessar um a um em tempo lento e a regra do jogo, nesse primeiro momento, foi que ao encostar no elástico, o aluno deveria retornar ao início. A segunda etapa foi iniciada com o desafio de deslocar-se em duplas, onde o vencedor seria aquele que chegasse ao final, primeiramente. Na terceira etapa foi solicitado que os estudantes explorassem os elásticos durante os movimentos, ao contrário do que foi realizado na primeira etapa. Por fim, todos sentaram em roda e foi discutido sobre a importância da atenção as articulações do corpo e ao tempo para a realização do jogo. Observou-se que a maioria dos estudantes, sob estímulo de alcançarem a chegada primeiro, enfrentaram dificuldades por aumentaram o ritmo no movimento, infringindo a regra de não tocar nos elásticos. Foi observado, também, que os estudantes que exploraram os elásticos com maior autonomia e criatividade eram aqueles que, dentro dos grupos, demonstram geralmente características de liderança, autonomia e autoconfiança nas atividades realizadas durante as aulas, de maneira geral.

4. CAMINHO METODOLÓGICO

Essa Pesquisa-Ação, de abordagem qualitativa, foi aplicada para estudantes de faixas etárias diferenciadas. O fato de ser aplicada em contextos tão diversos contribui para que essa estratégia didática seja aplicada em qualquer segmento da Educação Básica. Contribui também para a atual pesquisa em desenvolvimento pela pesquisadora dentro do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do CPEI, que versa sobre os impactos da Dança na autoestima de adolescentes de uma Escola Federal do Rio de Janeiro, que culminará em um *e-book*, direcionado a docentes de Artes, de Educação Física e a toda comunidade acadêmica. A concepção de corpo enquanto experiência proporciona ao professor/pesquisador um olhar diferenciado sobre o corpo dos estudantes, compreendendo que a experiência atravessa cada aluno de uma forma diferente e única e que essas singularidades precisam ser exploradas na escola. Essa pesquisa foi aplicada com cerca de 20 estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio de uma Escola Federal, com cerca de 10 estudantes de um curso de Mestrado e com cerca de 24 estudantes do Ensino Fundamental I de uma Escola Municipal. A coleta deu-se por meio de documentos nacionais da Educação, de registros fotográficos e de rodas de conversa. Foi realizada a triangulação dos dados obtidos, considerando as variáveis como idade e objetivos do conteúdo proposto.

5. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que as atividades demandariam de um tempo maior para que fosse possível explorar e investigar a complexidade da fenomenologia do conceito de corpo enquanto experiência, mas para o que se objetivava, o resultado foi satisfatório para a pesquisadora. Observou-se que nos adultos, a imersão em atividades que envolvam a memória corporal, a história de cada um e a imagem que cada um tem de seu corpo, proporcionam resultados positivos e maior qualidade quando este corpo é colocado em atitude de movimento. O jogo com suas regras, para o adulto, passa a ter papel secundário. Já para a criança, a ludicidade precisa estar presente e o ritmo precisa ser trabalhado como um componente externo e não interno. Os adolescentes prendem-se às regras e apresentam maior dificuldade na improvisação de movimentos durante a atividade de deslocamento do que as crianças, porém eles já trazem características próprias de movimento, assim como os adultos. Resumindo, a atividade com elásticos presos em diferentes alturas no espaço proporciona uma experiência significativa que não se pode ter por meio do ensino tradicional, pautado na figura do professor como mestre e do seu aluno, como um espelho a imitar seus movimentos. Entende-se que o ensino de Dança nas escolas não deve priorizar a execução de movimentos padronizados de determinada técnica, mas deve considerar que o movimento é um meio de comunicação que capacita os alunos a desenvolverem a auto-expressão e o pensamento em termos de movimento (SCARPATO, 2001, p.59). Corroborando com esse pensamento, Strazzacappa (2001, p. 71), diz que “a Dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, como de suas capacidades imaginativas e criativas.”

Para Miller (2014; p. 110), o que se espera quando se pensa em Dança na escola,

[...] é a busca do corpo sensível que não se encontra a partir da imagem refletida no espelho da sala de aula de dança, mas a partir da experiência do corpo próprio vivenciado com suas limitações, desejos e com todo o histórico do indivíduo em ação investigativa a partir de sua interioridade e singularidade.

Conclui-se que essa experiência se faz necessária em um ambiente escolar, onde os estudantes têm seus corpos não só segmentados, mas negligenciados diariamente, o que culmina em desequilíbrios de natureza psicossocial. A autoimagem e a autoestima são construtos da personalidade que influenciam diretamente no desenvolvimento de valores e do autoconceito dos adolescentes, valores esses que tanto podem ser positivos, quanto negativos, de acordo com estímulos externos. Proporcionar experiências corporais onde a criatividade, a autonomia e a consciência do corpo estejam presentes pode ser um caminho didático para a qualidade de vida discente.

6. REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Linguagens_Arte_ Ensino Fundamental**, p. 193-207, Brasília, 2017
- BOLSANELLO, D. Educação somática: o corpo enquanto experiência. **Motriz**, Rio Claro, v.11 n.2 p.99-106, mai./ago, 2005.
- BONDÍA, J., L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, n.19, pp.20-28.
- DOMENICI, E. O encontro entre dança e educação somática como uma interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 69-85, maio/ago, 2010.
- LABAN, R. **Domínio do movimento**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1971.
- LABAN, R. **Dança educativa moderna**. Trad. Maria da Conceição Parayba Campos. São Paulo: Ícone, 1990.
- MARQUES, I. A. **Dançado na escola**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MILLER, J. O corpo presente: uma experiência sobre Dança-Educação. **Revista Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.16, n.1, p.100-114, jan./abr., 2014. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/6172>. Acesso em 30 Abr. 2019.
- NUNES, C. Dança, terapia e educação: Caminhos cruzados. *In.*; CALAZANS, J.; CASTILHO, J.; GOMES, S. **Dança e educação em movimento**. São Paulo: Cortez, 2003.
- SCARPATO, Marta Thiago. Dança Educativa: Um fato nas escolas de São Paulo. **Caderno Cedes**, Campinas, ano XXI, n. 53, p. 57-68, abril de 2001.

SOUZA VIEIRA, M. Abordagens Somáticas do Corpo na Dança. **Rev. Bras. Estudos e Presença**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 127-147, jan./abr. 2015.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fabrica de corpos: A dança na escola. **Caderno Cedes**, Campinas, ano XXI, nº53, abril de 2001.

Recebido em: 10/10/2019

Aceito em: 25/10/2019

Endereço para correspondência:
Nome: Érica Viviane Bianna dos Reis
Email: vividancerj@gmail.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

6. ANEXOS



Figura 1: Atividade realizada no Colégio Pedro II



Figura 2: Atividade realizada no Colégio Pedro II



Figura 3: Atividade realizada no Colégio Pedro II



Figura 4: Atividade realizada na UFRJ



Figura 5: Atividade realizada na UFRJ



Figura 6: Atividade realizada na UFRJ



Figura 7: Atividade realizada na escola em Porto Real



Figura 8: Atividade realizada na escola em Porto Real



Figura 9: Atividade realizada na escola em Porto Real